

GUILHERMINA AUGUSTI

Não sou matéria, não sou real e não estou aqui

por Denilson Baniwa

Em "Tristes Trópicos", Claude Lévi-Strauss nos apresenta duas estratégias para enfrentar a alteridade utilizadas na história humana: a antropoemia e a antropofagia. A primeira consiste na identificação do diferente, do estranho na sociedade e a necessidade de anulá-lo de qualquer interação social, separá-lo dos "normais", deportá-lo ou colocá-lo no cárcere e se nada surtir efeito, assassiná-lo. A segunda estratégia seria a da "desalienação" das substâncias corporais diferentes e, através do metabolismo da ingestão, incorporar os espíritos do Outro até que se tornem um só corpo.

Essas estratégias aplicadas à construção histórica da sociedade são ampliadas para outras formas que vão desde a colonização forçada até a apropriação de culturas inteiras por determinados grupos sociais. Enquanto a antropoemia procurava a destruição completa do Outro, a antropofagia buscava a destruição ou suspensão de sua alteridade.

A iconoclastia na arte não é recente e muito menos nasceu com a geração dos artistas que começaram a ocupar lugares, que antes sequer vislumbravam, ascendendo no cerne de uma cosmologia eurobranca de origem patriarcalista e de higienização social. O que há de novidade na geração de Guilhermina Augusti, artista de origem paulistana e radicada no Rio de Janeiro, é a possibilidade de preencher um imaginário para além do que é palpável através de um trabalho de antropofagia mutante e urbana. É a criação de uma cosmologia diversa que atravessa mundos, reais e virtuais.

Se antes a possibilidade de reescrita só era possível por meios físicos, hoje na virtualidade dos mundos, é possível refundar digitalmente uma nova ontologia. Com ela a artista experimenta, dada a sua formação em filosofia e trabalhos computacionais, a reorganização pelas ontologias filosófica e computacional. A artista reorganiza dados (históricos e/ou computacionais) para construir, a partir das ruínas, novas imagens ou preencher no imaginário uma ausência histórica.

A pesquisa da artista caminha a partir da reflexão sobre a construção da história e em como desvinculá-la da imagética colonial. Guilhermina Augusti nos provoca a pensar sobre como fomos perdendo a capacidade imaginativa, conforme a colonização moldava paulatinamente nosso modo de ver o mundo.

Ao mesmo tempo em que nos entrega novas maneiras de enxergar a realidade e nos provoca novas imaginações, a artista revela um mundo mutante, que nos leva a espaços sobrepostos de colagens de outros mundos, onde devemos caminhar trocando de roupa, de pele ou de estado de matéria.

Ao entrar na sala da exposição, uma sentença nos é apresentada, um díptico iconográfico que traduz as muitas falas da artista, entrevistas ou publicações em suas redes sociais, o imaginar de outra história que faça escurecer a já conhecida narrativa branca colonial.

Na parede, aos olhares do público, reconhece-se a iconografia do símbolo pátrio em suas cores imperiais, mas ao invés de ser cortada pelo lema positivista do francês

Auguste Comte, aqui Augusti nos oferta outro caminho: uma seta apontando para a direita que nos chama a atravessar e a escurecer.

No chão, como espelho, jaz a bandeira nacional, cujas marcas do acúmulo de poeira e dos solados diversos que caminham sobre ela, propositadamente ou não, revelam um díptico que reaparecerá no discurso da mostra através de outras formas. O atravessamento é chamado simbolicamente nas obras em que a iconografia afro-brasileira convive com os corpos da resistência contra-colonial, em formas e cores que parecem desconstruir a bandeira nacional, retransformando e remontando o losango, o retângulo e o círculo. Nessa transformação, é possível notar o caráter do reposicionamento corporal da artista, como sua poética de outrar-se ou como artista antiantropoêmica.

Em "Remontagem antropoemia", Guilhermina Augusti nos apresenta alguns ícones antes de sentenciarmos um olhar mais profundo sobre antropoemia, como que Lévi-Strauss nos apresentou em seu "Tristes Trópicos". Duas imagens me saltaram os olhos, principalmente ao escutar algumas pessoas que estavam quando visitei a mostra, a primeira imagem retoma uma lembrança da capa da banda inglesa "The Beatles", quando em agosto de 1969 Paul McCartney, John Lennon, George Harrison e Ringo Starr atravessaram juntos a faixa de pedestres e transformaram a pacata Abbey Road em ícone da cultura pop. A segunda imagem que se revelou foi a dos cursos de desenhos de anatomia corporal, onde o esquema de proporção ideal coloca o mesmo corpo em diferentes perspectivas seguidas de legendas explicativas, tais como: Anatomia ideal é quando o corpo humano mede oito "cabeças" ou sete e meia "cabeças"; A figura feminina é ligeiramente mais estreita do que a masculina, etc. Os esquemas de desenho anatômico são um terror nas aulas de artes. Porém, trazendo a questão da antropoemia à tona que, cuja mensagem aqui era claramente a remontagem de que a estratégia antropoêmica poderia ser destituída de seu poder de excluir quem é diferente e pela artista ser transformada em alguma antropofagia urbana e incluyente, onde o estranho possa ser colocado como ser resistente dentro da cidade.

Existe algo na montagem de desenhos digitais sobre fotografias que a artista realiza, em que esse embate entre a padronização do *status quo* é subvertida pela presença do corpo estranho, do desenho digital, como inserção e transformação da paisagem. Sabemos que ela não faz parte daquela iconografia fotográfica, mesmo assim ela está lá, como uma resistência iconoclasta.

As obras da artista são tratados sobre o reconhecimento da capacidade criativa e imaginativa: "Em que o preto seja o que reflete nos objetos e siga em linha reta para o olho; em que o preto passe através da córnea para dentro da pupila e através do cristalino, enquanto a córnea e o cristalino ajustam o preto para que a retina foque e os fotorreceptores na retina convertam o preto em impulsos eletromagnéticos que atravessam o nervo ótico até o cérebro, que processa os sinais para criar capacidades imaginativas que habitem a negritude". É olhar o atravessamento, ou atraveçamento, como uma possibilidade criativa de transformação de mundo, onde é preciso atraveçar o eixo e escurecer o centro, ou nos atravessar por uma

Referências bibliográficas

Augusti, Guilhermina. Website <<https://guilherminaaugusti.wordpress.com/>> Acessado em 30 de outubro de 2021.
Augusti, Guilhermina. <<https://www.instagram.com/guilherminaaugusti/>> Acessado em 30 de outubro de 2021.
Azuos, Jean Carlos. "PRESEÇA": a linguagem em Guilhermina Augusti como infiltração nos dilemas curatoriais. <<http://revistacaju.com.br/2021/04/16/augusti/>> Acessado em 30 de outubro de 2021.
Bauman, Zygmunt, 1925-2017. Modernidade Líquida. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Pág 129.
Galpão Bela Maré. Prosa com Artista – Guilhermina Augusti. <<https://www.facebook.com/watch/?v=1465842050277737>> Acessado em 30 de outubro de 2021.